

O agronegócio é o seguinte

O sucesso do açúcar e do álcool

A comercialização da safra 2005/06 de cereais e oleaginosas é a mais difícil e crítica dos últimos tempos. Com o câmbio sobrevalorizado e os juros reais altos, a economia penaliza brutalmente o setor produtivo. O País apresentou redução da área plantada na atual temporada e uma nova queda é apontada como certa na próxima safra. A grande preocupação é o que pode acontecer daqui a dois ou três anos, quando há risco de uma eventual redução na oferta de alimentos vir a causar impacto na taxa de inflação.

O governo acena com um conjunto de medidas para amenizar o dramático quadro do setor. Foram três grandes pacotes durante abril e maio. O conteúdo passa pela prorrogação das dívidas e por mais crédito. As decisões foram corretas e bem intencionadas, mas demoram para chegar até o campo. É um ambiente pesado e denso para se negociar. Os prejuízos ultrapassam a porteira da fazenda e chegam às empresas de insumos, máquinas e equipamentos. Os fracos resultados apresentados nos balanços das companhias revelam essa amarga situação.

Nesse contexto, o lançamento do Plano Agrícola e Pecuário 2006/07, apesar de realizado em tempo hábil, não deu motivo para comemoração. A agroenergia e o seguro rural são tratados como peças estratégicas especiais para o desenvolvimento do agronegócio. Na área de crédito rural foram anunciados R\$ 60 bilhões para o custeio e investimento. Uma notícia importante foi o número das aplicações em novos títulos financeiros, criados em dezembro de 2004. A CPR demorou seis anos para chegar a esse valor.

Chamam a atenção os negócios realizados no mercado de carbono. Os países alcançaram folgadoamente as metas para redução da emissão de gases estabelecidas no Protocolo de Kyoto, e as cotações despencaram. Como novas metas deverão ser fixadas, as perspectivas são de recuperação nos preços dos papéis. O Brasil mostra um

desempenho favorável e posiciona-se entre os primeiros do *ranking* em termos de apresentação e aprovação de projeto segundo o Banco Mundial.

Nesta edição, **Agroanalysis** traz um caderno especial sobre a próspera cadeia produtiva do açúcar e do álcool. Tanto no caso do álcool como no do açúcar dezenas de unidades industriais montam projetos no território nacional para aumentar a produção. Com tecnologia de ponta e gestão de primeira linha, o Brasil atrai a atenção dos principais *players* do planeta desse rico setor do agronegócio.

O foco do trabalho fica enriquecido quando a questão da bioeletricidade é colocada em discussão. Trata-se de uma proposta inteligente para o desenvolvimento da matriz energética nacional. Se o País entrar num ritmo de crescimento mais intenso, o aumento do consumo de energia exigirá uma oferta maior. A bioeletricidade faz parte da solução desse problema, com todos os predicados ambientais por ser renovável e limpa.

Como líder da produção de açúcar e de álcool, o Brasil avança no mercado internacional, com ações mais coordenadas nas principais bolsas internacionais. Um esforço extremamente válido para que o País imponha seus interesses na formação dos preços e nas regras e condições que regem os fluxos internacionais. Os empresários, de sua parte, ganham uma nova cultura, dirigina não apenas à produção, mas também ao comércio.

O Consecana firma-se cada vez mais como uma iniciativa pioneira do setor para harmonizar a relação e distribuir renda entre fornecedores e usineiros. O sistema acompanha os progressos tecnológicos e passa por rotineiros aperfeiçoamentos. Por sua vez, no esforço de antecipar os requisitos mundiais sobre o meio ambiente e a responsabilidade social, um conjunto de atividades, com parcerias inclusive com o Banco Mundial, está em desenvolvimento para aprimorar e incorporar uma nova ordem de valores à gestão empresarial.